

Maria Francelina Silami
Ibrahim Drummond

Primeiras luzes nas letras

A revista *O Recriador Mineiro* (1845-1848), criada em Ouro Preto por Bernardo Xavier Pinto de Sousa, destacou-se entre as publicações da imprensa, ainda embrionária na província, como pioneira na abordagem sistemática de temas culturais e literários.

> Em 1º de janeiro de 1845, saía a primeira revista literária de Minas Gerais, *O Recriador Mineiro*, editada em Ouro Preto, então capital da província. Como todas as revistas da época – desde a pioneira *Variedades* (Bahia, 1812) até a *Minerva Brasiliense* (Rio de Janeiro, 1845) – *O Recriador Mineiro* divulgava um conceito amplo de literatura, cujo discurso agregava princípios filosófico-morais, história, economia, direito, crítica literária, ficção, poesia e matérias de divulgação científica, entre outros itens de seu extenso programa.

Essa revista é desconhecida da historiografia literária e sequer mencionada nos estudos sobre publicações congêneres do Rio de Janeiro e de São Paulo, no período de transformação romântica na literatura brasileira. Certamente, essa lacuna deve-se ao fato de que a imprensa mineira do século XIX tem sido até agora analisada como documento da história política, dada a importância que a província desempenhava nos destinos do Império. Em decorrência disso, a imagem literária de Minas permaneceu vinculada quase exclusivamente ao Arcadismo e, no Romantismo, ao Bernardo Guimarães de *A escrava Isaura* e *O seminarista*.

Entretanto, estudos mais atualizados da cultura impressa mineira apontam para o valor da produção literária e das idéias sobre literatura que, sob a hegemonia de Ouro Preto, circulavam na primeira metade do século XIX. Sintonizam Minas com a vida intelectual da corte do Rio de Janeiro, com Pernambuco e Bahia; e também com a incipiente vida intelectual de São Paulo, por meio da Faculdade de Direito, onde estudantes mineiros se destacaram no jornalismo literário e na crítica, entre 1830 e 1870.

À luz desse novo enfoque, é possível observar que o predomínio do viés político no jornalismo de Ouro Preto desse período nunca terá excluído a manifestação literária em seus periódicos diários, bissemanais e trissemanais, refletindo influências e gerando seu próprio discurso. Já

nas décadas de 1820-1830, a literatura – no significado amplo que à época lhe davam – aparece insinuada na quarta página dos jornais, que divulgava artigos de crítica, cartas de leitor sobre acontecimentos culturais, anúncios de livros, peças de teatro, festas, apresentações de circo. E, na década de 1840, a matéria literária ganha o espaço exclusivo que a revista do gênero lhe dará.

Este artigo apresenta *O Recriador Mineiro* no contexto geral da imprensa ouro-pretana no século XIX e no setor mais específico destinado às letras. Agrega à história dessa revista algumas notas sobre a trajetória intelectual do redator Bernardo Xavier Pinto de Sousa e a intenção, por ele partilhada, de formação do leitor e construção da nação literária.

Trajetoira da imprensa ouro-pretana

A imprensa periódica de Ouro Preto ao longo do século XIX pode ser observada em três grandes momentos, levando-se em conta a preponderância do fato jornalístico. De 1823 – quando aparece o primeiro jornal, *Compilador Mineiro* – até a década de 1840, predominam as questões do Império; o jornal reporta o momento nacional. Da década de 1840 à de 1870, predomina o momento da província; e de 1880 até a mudança da capital, em 1897, a cidade emerge com maior intensidade nas páginas dos jornais.¹

Até a década de 1840, o jornal se confunde com o debate político voltado para a construção da nação e, em decorrência disso, manifesta a estreita ligação de Minas com a corte do Rio de Janeiro. O texto é compacto, traduz atos oficiais e polêmicas de opinião, precursoras dos futuros partidos políticos. O jornal dessa época parece dirigir-se a um tipo apenas de leitor, não fosse a quarta página na qual, aos poucos, anúncios e textos relativos ao cotidiano começam a ser publicados e passam a diversificar o discurso circunspecto.

Os primeiros números do *Abelha do Itaculmy* em 1824 já divulgavam anúncios de venda de escravo, livro, aula particular, loteria, objetos desaparecidos. Publicavam-se também comentários críticos sobre solenidades e festas, a exemplo da notícia das comemorações pelo aniversário do imperador. A programação, descrita em minúcias, aludia à missa solene, alvorada da artilharia, fogos de artifício, desfile da Tropa de Linha e variada apresentação teatral, que incluiu a peça *Triunfo da natureza*, encenada por artistas locais e seguida de pantomima e declamação, após a representação de uma tragédia (sem título mencionado), arrematada por um solo executado por dois meninos:

Terminou a peça depois de meia noite, e os repetidos aplausos e bravos dos circunstantes são os mais evidentes testemunhos, e prova incontestável do muito bem que se desempenhou esta representação; havendo nos intermédios ótimas overtures, concertos de flauta, e cantorias executadas com primor, e algumas poesias se repetiam alusivas ao Grande Assunto. A iluminação se renovava à proporção que os bogios se gastavam, sendo logo substituídos com profusão.²

A quarta página passava a divulgar esse tipo de matérias que ia revelando o leitor comum, o menos especializado e atento à variedade da vida. Em 1825, *O Universal* tratava o tema da instrução pública nos 16 primeiros editoriais, mostrando engajamento com questão básica na descolonização e construção da nacionalidade; mas acolhia, igualmente, e ampliava a variedade de textos que revelariam o leitor comum. Os anúncios se diversificam cada vez mais; aparecem a crítica teatral, o comentário de livros, a carta de leitor opinando sobre assuntos variados, a charada, o logogrifo, a adivinhação, a poesia, os discursos e as pequenas crônicas enfocando a cidade em aspectos variados.

Entre 1823 e 1840, circularam na cidade 37 jornais, alguns de duração longa – como *O Universal* –, com tiragens que atingiam cidades e vilas mineiras, além do intercâmbio com outras províncias.³ Entre 1840 e 1870, predominam os assuntos provinciais, que refletem, em particular, a importância assumida por Minas no Império: eleições, revoltas, motins, expansão de núcleos populacionais, cidade e campo, instrução pública e tantos outros temas e bens que chegavam à capital.

A imprensa de variedades cresce; o número de tipografias e jornais em circulação sugere aumento do público leitor e crescimento de grupos profissionais – tipógrafos, gráficos e revisores. Como resultado da invenção do telégrafo, o texto jornalístico ganha novo ritmo, torna-se mais rápido, conectado aos acontecimentos. A notícia predomina, embora o jornal mantenha sempre espaço destinado a editoriais, matérias de opinião e análise. Os títulos se diversificam e sugerem o leitor eclético. Há uma imprensa humorística, acadêmica, religiosa. Assuntos frívolos e ligeiros convivem com as publicações reflexivas. O debate entre personalidades da vida pública ou entre grupos continua a aparecer nas páginas do jornal. Acusações, réplicas e tréplicas parecem ter despertado grande simpatia no público e alimentado essa prática, que se tornou corriqueira. Quantos jornais não foram criados e outros não sobreviveram tão-somente para sustentar querelas!

O leitor escreve cartas, denuncia abusos, cobra providências, procura objetos perdidos, paga a publicação de textos pessoais, agradecimentos, poemas, louvações, elogios fúnebres: tudo isso vai para a página do jornal. O leitor de Minas conhece o folhetim: primeiramente como crônica ao pé-de-página e, depois, com *O Recriador Mineiro*, a partir de 1º de janeiro de 1845, como novela romântica, seriada, o folhetim propriamente dito, de tantas glórias e tantas leitoras. Cria-se a imprensa literária, voltada, em especial, para a poesia e a oratória, mas que se qualifica na divulgação



Vista de Ouro Preto. Gravura de Auguste Chenot. In: *O Recreador Mineiro*, Ouro Preto, 1 de janeiro de 1845. Acervo Casa do Pilar/Museu da Inconfidência, Ouro Preto.

de outras formas de literatura ao longo do século; surge a revista literária, editada em numeração seriada, para se encadernar e colecionar.⁴

O jornal continua sobrevivendo de assinaturas e vendas avulsas, mas aumentam os anúncios. Um deles, em especial, se lê na mesma frequência em que ocorrem os fatos noticiados: são os comunicados sobre fuga de escravos, comuns em toda a imprensa brasileira. Multiplicam-se os jornais, sobretudo a partir da década de 1850, como a tornar ainda mais visível a miséria da escravidão, tema provincial (Minas continuava a concentrar grande contingente de escravos, como no

século anterior) e tema nacional que não sairá da imprensa periódica até a década de 1880.

E, finalmente, de 1880 até o final do século, é a cidade de Ouro Preto que ocupa as páginas da imprensa. O fato local tem primazia, em meio à cena do Império e da província. A variedade de títulos e tendências se amplia; há jornais de grupos profissionais organizados (“proto-sindicatos”), jornais acadêmicos, jornais de associações religiosas, artísticas, literárias e de grupos imigrantes. Mas os grandes debates políticos ficam, em geral, polarizados entre “mudancistas” e “antimudancistas” – grupo favorável e grupo contrário à transferência

da capital. A cidade está em foco, também sob fogo-cruzado da imprensa de outras localidades que, na década de 1890, disputavam abertamente a candidatura à sede da futura capital.⁵

Antecedentes literários em periódicos

Até a década de 1840, o espaço das letras era quase exclusivamente a quarta página dos jornais ouro-pretanos. De tendência editorial variada, autodenominados “políticos”, “litterarios”, “noticiosos”, “industriais” e “científicos”, esses jornais abrigavam poesia, oratória, memória histórica e, quase sempre ao pé da primeira página, as partes seriadas de um folhetim. Mas ainda não refletiam a distinção entre discurso político e literário⁶ que se manifestaria, pouco a pouco, nos periódicos literários propriamente ditos.

O marco dessa tendência na imprensa de Minas foi o *O Athenêo Popular*, editado em Ouro Preto em 1843. Entretanto, pode-se acompanhar, ao longo das décadas de 1820 e 1830, a evolução de idéias que procuravam distinguir o campo político do literário, a exemplo do *Jornal da Sociedade Promotora da Instrução Pública*, em 1832. Redigido por intelectuais empenhados na educação popular, que fundaram a primeira biblioteca pública de Ouro Preto em 1831, o periódico deixava transparecer a filiação iluminista e pré-romântica, que valorizava política e atividade literária, sem exclusão, atribuindo à literatura função mais estritamente moralizadora e civilizadora.

O programa d’*O Athenêo Popular* propunha a irradiação dos saberes científicos; das belas letras e artes; tratava de moral, física, fisiologia e astronomia; higiene; história, geografia; destacava matéria de ciência política para assinalar a distinção da “mesquinha, e angusta política das paixões que so degrada, e assassina a dignidade do homem”.⁷ Sugere a intenção de constituir

academia ou grêmio de leitores voltados ao culto e à prática de ideais ilustrados, sob redação do padre liberal Antônio de Sousa Braga, proprietário da Tipografia do Itaculmy, que editou também os jornais *O Itaculmy* (adepto dos liberais de 1842) e *O Compilador da Assembléia Provincial*, todos na década de 1840. *O Recreador Mineiro* se seguiu a *O Athenêo Popular*.

Nos anos entre 1850 a 1870 não aparecem periódicos exclusivamente literários. Muitas vezes, a inclinação do jornal para a literatura decorria da atuação do editor ou colaborador ilustre – como foi Rodrigo Ferreira Bretas, o biógrafo de Aleijadinho, à frente d’*O Correio Oficial*, e Francisco de Assis Costa, dos jornais *O Bom Senso* e *O Conciliador*, todos da década de 1850.

A literatura voltava a ocupar espaço na imprensa comum, em grandes jornais diários e trisemanais, como *Minas Gerais* (1862), *Diário de Minas* (1866), *Constitucional* (1866),⁸ *O Liberal de Minas* (1868), *Diário de Minas* (1873), *Mosaico ouro-pretano* (1876) e *Actualidade* (1878).

Pelas décadas de 1880 e 1890, reaparecem jornais e revistas estritamente literários, e o conceito de literatura passa a ter conotação mais específica. As tendências se misturam; não há preferência exclusiva por um ou outro gênero; os redatores são escritores, poetas, advogados, estudantes do Liceu Mineiro – onde ensinavam o poeta Aurélio Pires e o contista Afonso Arinos de Melo Franco, e acadêmicos das Escolas de Minas, Farmácia e da Faculdade de Direito, em cujos periódicos escreveram Raimundo Correia e Olavo Bilac, quando residindo em Ouro Preto.

Alguns periódicos literários dessa época merecem destaque. O jornal *Chrysalida*, de 1887, defendia a literatura como veículo mais adequado de denúncia social e aprimoramento da sensibilidade, dedicava espaço à crítica literária, assumida como “mimoso fruto do positivismo”, citando Mayr e Zola e professando

o realismo. Os textos em prosa e verso sugerem, entretanto, a mistura de tendências românticas e simbolistas, próprias de periódicos que sobreviviam de colaborações. O grupo editorial era variado, incluindo os poetas José Inácio de Lima, Alphonsus de Guimaraens, Rodrigo de Andrade, Antônio Augusto Teixeira, Orozimbo Loureiro, Augusto de Lima e José Severiano Rezende.

A *Revista Mineira*, no primeiro número, de 31 de agosto de 1887, publicava folhetim romântico e poemas de Oliveira Martins, Antônio Nobre e Gonçalves Crespo, entre anedotas, máximas e receitas úteis, à moda de almanaque. Outra revista, o *Recreio Litterario*, do mesmo ano, criticava duramente a indiferença do público e a falta de meios que o escritor brasileiro, excluindo nomes já consagrados, enfrentava para sobreviver.

Em 1889, aparece a revista *Panorama*. Publicação densa e volumosa, de tendência antimudancista, com proposta estética e pedagógica, trazia encartada uma valiosa coleção de vistas da cidade de Ouro Preto e reunia prosa do jovem Affonso de Guimarães – mais tarde Alphonsus –, Pedro Motta Júnior, Luiz Costa, Ferreira Pinto e Graciliano Martins. Datado de 1889, mas impresso e distribuído no ano seguinte, o *Almanack Administrativo, Civil e Literário de Ouro Preto*, de Manoel Ozzori, apresentava uma bela secção literária com textos e versos de autores ouro-pretanos, que o destacou entre as publicações do gênero.

Em 1890, o poeta Aurélio Neves – então professor de português no Liceu Mineiro, onde o escritor Afonso Arinos passara a reger a cadeira de Geografia e História – publicava a revista *Ensaíos*, que propunha inovação formal com ares de *belle époque*. Não se apresentava como periódico literário convencional. Em lugar do artigo-programa “theorico, enluvado, trasandando á modestia malcheirosa”, os editores publicam a crônica leve e desvencilhada do passado, “sem umas linhas lamuriando desculpas, altiva, num grande desprezo pela

formalística”, e textos em prosa e verso de Luiz Costa, Francisco Amedée Péret, Eduardo Salamode, Zalina Rolim, Raul Pompéia, Coelho Neto, Aluísio de Azevedo e Affonso de Guimarães, mostrando um pequeno panorama da literatura brasileira de fim de século.

A vida curta de algumas publicações e a quantidade de textos ainda dispersos nos jornais ouro-pretanos do século XIX limitam afirmações mais categóricas. Pode-se, entretanto, dizer que a literatura se implantou na imprensa de Minas Gerais com o projeto romântico d’*O Recreador Mineiro*, de superação da herança neoclássica e passagem para a cena moderna.

Enfim, a revista literária

O Recreador Mineiro foi editado na Typographia Imparcial, à rua do Giló, nº 9 (atual rua do Paraná). Manteve circulação quinzenal e ininterrupta até 15 de junho de 1848, em fascículo de 16 páginas, tamanho 14 x 20 cm, alguns com estampas litografadas, e destinados a posterior encadernação. O conjunto das edições semestrais formava um tomo e a coleção completa, sete tomos com numeração contínua. A assinatura anual para leitores de Ouro Preto custava seis mil réis e para os de fora, sete mil, havendo ainda a modalidade de preço semestral, incluindo despesas de correio, com pagamento adiantado. O número avulso com estampa era vendido a 1.200 réis, e a 400 réis sem ela.

Autotitulada “periodico litterario”, a revista mostrava resquícios de inspiração neoclássica, comum às publicações similares que inauguraram o romantismo no Brasil e tinham o propósito de debater e ilustrar a sociedade recém-descolonizada. Mas já expressava uma consciência crítica da atividade literária brasileira, discutindo temas específicos, como modernidade do romance, divulgação de uma poesia tipicamente brasileira, tradução de obras literárias para o vernáculo

e formação do público literário. Este último talvez seja a característica romântica fundamental d’*O Recreador Mineiro*, que traduzia, no plano estético, sua intenção política, nacionalista e direcionada para o engrandecimento da Província de Minas.

Em linhas gerais, o objetivo d’*O Recreador Mineiro* era a elevação espiritual do leitor através das luzes da instrução, viabilizada pela leitura, crença fundamentada no pensamento clássico de que “as letras são o alimento do espírito”.⁹ O programa semestral da revista, que vinha encartado no primeiro número, se dividia em três secções: *Memória*, *Razão* e *Imaginação*. A primeira abrangia o domínio da história; a segunda, o da filosofia, e a terceira compreendia a poesia.¹⁰ É interessante observar os temas compreendidos na área *Memória/História*: memória histórica, história natural, etimologia histórica, geografia física, botânica marítima, topografia, cronografia, mineralogia, estatística, economia doméstica, crítica, folhetim, veterinária, crônica judiciária, anedotas. Na secção *Razão/Filosofia*, incluíam-se retórica, oratória, reflexão, sátira, instrução, moral, instruções dogmáticas, aritmética, agronomia, economia política, crítica literária, poesia didática (charada, logogrifo, adivinhação, enigma). A área da *Imaginação/Poesia* abrangia épica, lírica e poesia didática.

Mas a que público se destinaria a revista? Como provocar uma recepção satisfatória em benefício da instrução popular? O redator identifica, então, três categorias de leitor:

1ª – a dos que procurão unicamente as luzes da instrução considerada em si só; esta classe é pouco numerosa; 2ª – a dos que amão a instrução recreando-se; esta classe é mais numerosa; 3ª – a dos que buscão na leitura hum passatempo contra o tédio que os domina, e que só se agradão de matérias frívolas; esta classe é com efeito de mórbida compleição e de difícil restabelecimento.¹¹

A diversidade de público impunha, portanto, tratar não apenas de literatura e ciências, “como também [das] regiões do jocoserio e da hilaridade”.¹² Natural, portanto, que a revista pretendesse abranger uma grande variedade de temas, tratasse de todas as coisas (*omni scibili*) e as apresentasse como objetos “literalmente enciclopédicos”.¹³ São recortes da vida que transitam dos assuntos cotidianos e prosaicos, à moda do almanaque, aos ensaios críticos, notas de erudição histórica, científica, filosófica e literária, assim tomados para viabilizar o diálogo com o leitor. *O Recreador Mineiro* saía, por isso, do puro domínio da racionalidade teórico-especulativa para a racionalidade da “imaginação criadora”. Tudo se torna matéria “ficcionalizável”, capaz de atingir a emoção e produzir prazer estético, atraindo, portanto, o leitor de “variedades” para o universo da literatura.

Ideário

Esse programa editorial ajuntava ao texto literário os conteúdos da “prática de leitura” já firmada possivelmente na imprensa de “variedades”. Ou seja, o leitor estava familiarizado com a crônica da vida urbana, a poesia de circunstância, o discurso laudatório, o relato muitas vezes fantasioso de solenidades e festas civis e religiosas, a decifração de charadas, a leitura de epigrama e anedota e – por que não? – com o texto dos anúncios de medicamentos, bens domésticos, teatro, circo, apresentações de mágicos prestidigitadores e um sem-número de pequenos escritos que recortavam a vida cotidiana. Essa prática levou o erudito viajante inglês Richard Burton a observar que as pessoas em Minas liam com prazer.¹⁴

O Recreador Mineiro inovava ao divulgar gêneros e formas até então inéditos na imprensa de Minas – folhetim romântico,¹⁵ narrativa de viagem, modinha e poesia popular, poesia histórico-satírica. A secção de crítica incluía uma importante discussão sobre a relação

entre romance e história; sobre a tradução e importância do tradutor para permitir ao leitor comum o acesso a grandes obras da literatura universal.

No conjunto das iniciativas pioneiras de popularização da literatura em Minas, Bernardo Xavier Pinto de Sousa deu publicidade a matérias especiais, como o poema *Vila Rica*, de Cláudio Manoel da Costa; traduções, em primeira mão, das memórias de viagem de Saint-Hilaire, ainda inéditas em português; do *Pluto brasiliensis*, de Escheweg; textos de Spix e Martius; tradução de *O mergulhador*, de Schiller; ensaio sobre o poema *Caramuru*, de Santa Rita Durão, e comentário sobre a tradução francesa de Eugênio Monglave; ampla divulgação de poesia e inéditos de João Salomé Queiroga; uma longa paródia das *Cartas chilenas*, alusiva à festa do Espírito Santo em Ouro Preto; artigo sobre a fotografia, que chegava a Ouro Preto naquele ano de 1845; muitos sonetos de poetas mineiros e estrangeiros; discussão sobre o teatro romântico e a “perniciosa” influência estrangeira na vida nacional; diversas memórias científicas e botânicas, com tradução de João Morgan especialmente para a revista; ilustrações da revista com gravuras de Auguste Chenot (então radicado na cidade), entre outros temas caros à história da literatura e da cultura.

No rol das novidades modernas divulgadas n’*O Recreador Mineiro*, é importante ressaltar um artigo de fundo no qual o redator faz a defesa do romance como o gênero mais completo e adequado à representação da vida cotidiana e dos homens comuns. No ano de 1845, esse tema ainda não estava em discussão no Brasil – sobretudo porque o romance nacional apenas ensaiava os primeiros passos (*A Moreninha*, de Joaquim Manoel de Macedo, tinha sido publicada no ano anterior) –, e a poesia ocupava a cena literária com certa exclusividade. Em 1856, José de Alencar, sob o pseudônimo de Ig, abriria a famosa polêmica, questionando a qualidade do poema épico “A Confederação dos tamoios”, de Gonçalves de Magalhães, e falando do romance como

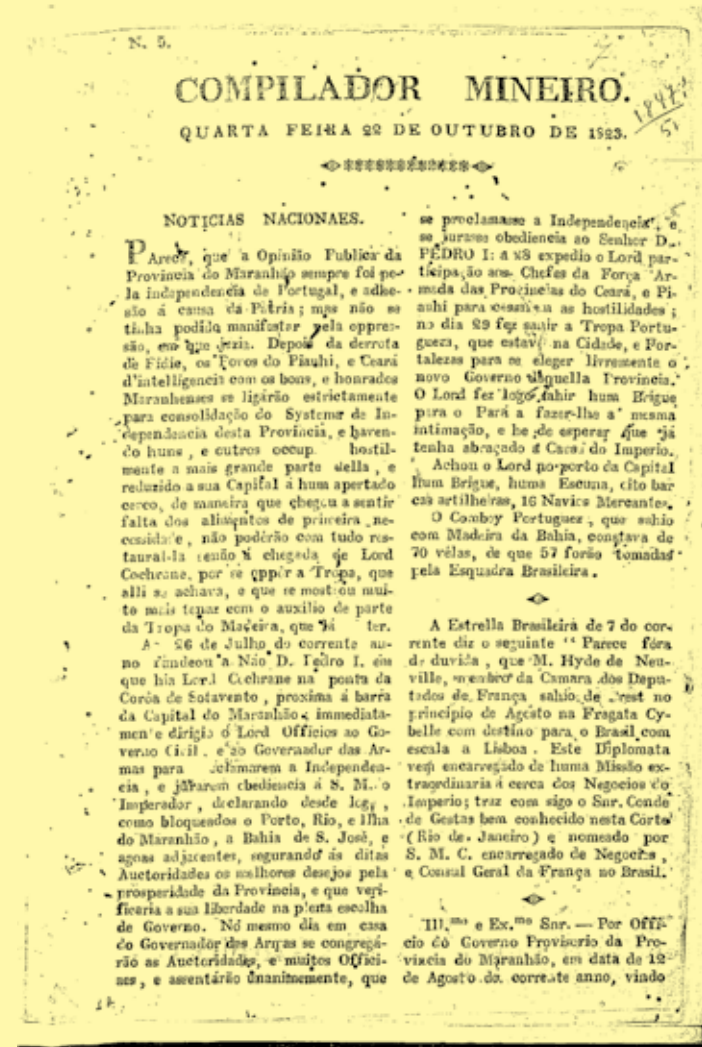
gênero capaz de representar a jovem nação brasileira. O artigo d’*O Recreador Mineiro* antecede, portanto, em dez anos a polêmica Alencar-Magalhães e tem a originalidade da discussão sobre o gênero romance no Brasil da primeira metade do XIX:

O romance, considerado como futilidade por algumas pessoas graves, mas cuja falta de bom gosto por isso mesmo se denuncia, é, entretanto, o resumo fiel dos hábitos e costumes de uma nação. Quantas vezes o filósofo imparcial embalde busca a verdade na história, e vai encontrá-la no romance? Mil vezes o historiador traça a seu jeito os fatos, dá-lhes outra aparência. Orna-os de outras molduras, enquanto que o romancista, parecendo entregue todo à imaginação, descreve fielmente os costumes da época, e apresenta em seus quadros as virtudes e os vícios do seu tempo e povo, e, deleitando, mais propende à verdade do que a chamada História. A história com todos os fumos de antiga aristocracia, apenas demora suas vistas soberanas sobre altos casos, os reis, suas vitórias, desastres e política; o romance, menos altivo, democrata moderno, compraz-se com poucas coisas, abraça a multidão, identifica-se com o povo, e modesto segue a índole e caráter nacional.¹⁶

Fica subentendido n’*O Recreador Mineiro* que leitura deveria ser prática deleitável *sempre* e prática formadora *idealmente*. Por isso, o texto não tem um sentido único de moralizar, mas o sentido múltiplo de recrear, instruindo.

Destinatários

O alvo principal dessa campanha romântica com laivos nacionalistas e humanitários era, portanto, o leitor, seja ou não considerado o potencial consumidor daquele produto à venda. A biografia do redator – o principal e provavelmente o único da revista, Bernardo Xavier Pinto de Sousa



O primeiro periódico de Minas Gerais. Jornal *Compilador Mineiro*, n. 5. Ouro Preto, 22 de outubro de 1823. Microfilme. Acervo Biblioteca Nacional, RJ.

– autoriza supor que ele não tivesse o estrito objetivo de lucro com *O Recreador Mineiro*. É possível vê-lo como intelectual que defende uma teoria da leitura socializada e acredita na instrução pública como instrumento de combate às barreiras impostas pelo sistema colonial.

Tamanho, periodicidade e número de páginas distinguiam *O Recreador Mineiro* como veículo moderno, situado

no limiar, entre o livro e o jornal – pequeno e ilustrado, educativo e popular,¹⁷ capaz de atrair por diversos apelos à leitura. À época, o jornal cumpria uma de suas mais importantes prerrogativas – a de formar, ainda que de maneira incipiente, o leitor de livros,¹⁸ não apenas divulgando e comentando livros, mas sobretudo plantando as bases de sua aceitação, por meio do folhetim romântico, da crônica literária, da poesia didática e da memória histórica sumarizada e adaptada às páginas do jornal.

O Recreador Mineiro considera o leitor, a leitura e a recepção os ângulos fundamentais e indissociáveis a partir dos quais o discurso da revista se organiza, em dosagens diferenciadas para leitores também diferentes. Por isso, à primeira leitura, percebe-se uma espécie de despojamento na combinação de temas e estilos, que variam da seriedade do tratado à forma simples do provérbio, e revelam o conteúdo de discurso eclético e universalista. E, como sua utopia é humanista, a revista deveria ser um periódico literário popular, entendendo-se que “a palavra popular é colectiva; exprime uma reunião de homens, e por conseguinte diferenças de caracteres intellectuaes...”¹⁹

Além de ter cumprido integralmente o programa proposto ao leitor, tudo indica que a revista teve sucesso entre o público, em especial o de Minas Gerais:

Sempre solícitos em sua especial dedicação para com a Província, que forma o mais grato objecto de seus votos, tem a honra os Redactores do *Recreador Mineiro* de offerecer a seus assignantes o seguinte Compendio d’algumas epochas peculiares desta interessante Região...²⁰

O intercâmbio com o leitor se manifestava já no segundo semestre de circulação. Em 1º de setembro de 1845, o redator comunicava a publicação de outro periódico denominado *O Correspondente*, que passaria a abrigar

as correspondências, comunicados e anúncios recebidos, evitando assim que a revista misturasse matérias estranhas ao programa já previsto e divulgado:

Para conciliar, porém, o desejo que temos de servi-los com o dever que nos impõe o programma desta folha, creamos outra com o titulo de *O Correspondente*, a qual será publicada em dias indeterminados, e se distribuirá gratuitamente pelos srs. assignantes do *Recreador*. Nella transcreveremos unicamente os annuncios, communicados, e correspondencia de interesse publico ou particular, que nos forem remetidas.²¹

Em janeiro de 1846, início do segundo ano da publicação, a revista contava 723 assinantes, entre homens e mulheres de várias localidades pelo interior de Minas, no Rio de Janeiro, São Paulo, Espírito Santo, Lisboa e Paris. Sem considerar os leitores avulsos, o número de assinantes é expressivo para a época, a área de circulação pressupõe a recepção ampla da revista, confirma permuta e intercâmbio com publicações semelhantes e reafirma a intenção do redator de garantir as “solidas bases para uma existencia duradoura da revista”.²² Teve artigo e gravuras transcritos na íntegra pelo jornal *Ostensor Brasileiro*;²³ correspondia com o satírico *O Carapuceiro*, editado no Recife pelo polêmico Padre Lopes Gama; transcreveu matérias do *Museu Universal*, do Rio de Janeiro, e traduções de periódicos estrangeiros, sinais da vitalidade de uma revista da província, articulada a outros centros onde a imprensa literária crescia e já se exercia com plena atividade crítica.

O Recreador Mineiro teria sobrevivido graças à qualidade e variedade que trazia à imprensa mineira, na qual o discurso político tinha ainda preponderância, sobrando pequenos espaços para a literatura, que tentava timidamente se apresentar. A revista inovou, portanto, ao fundar uma tradição literária no contexto da cultura

impresa em Minas Gerais, formando público leitor durante quatro anos, divulgando textos e aproximando escritores. Por isso, no leitor formado e possivelmente transformado, afirmava o redator, a literatura encontrava “o arauto de sua nomenclatura e o antídoto de seu olvido”.²⁴ Anos mais tarde, em 1848, ao fechar a revista, ele avaliaria a trajetória percorrida, ratificando a convicção de que leitor e redator tinham ambos empreendido a aventura da narrativa: “Os redactores acreditão com fé explicita que uma parte dos leitores lê na lettra do escriptor; a outra parte lê no seu espírito”.²⁵

O múltiplo ofício daquele “homem de imprensa”²⁶

Músico de sete instrumentos, o homem de imprensa do século XIX desempenhava, com frequência, todas as atividades de seu ofício. Redigia e revia matérias, muitas vezes traduzia, conhecia e participava das etapas da impressão. A divisão pouco rigorosa do trabalho e as condições sociais de produção do país recém-independente e pouco industrializado parecem ter determinado o aparecimento desse profissional nas primeiras décadas da imprensa brasileira. À medida que os meios avançam, distinguem-se as funções e organizam-se os segmentos, aparecem os empresários do ramo, mas a tradição do dono de jornal (proprietário de imprensa) dotado dessa condição de múltiplo conhecedor da arte tipográfica perdurou ao longo do século.

Entre os nomes vinculados a empreendimentos da imprensa, está Bernardo Xavier Pinto de Sousa, personalidade ilustre no ambiente cultural de Ouro Preto, onde desempenhou atividades de impressor, redator e livreiro, nas décadas de 1840 e 1850. Teve atuação destacada na divulgação da literatura e formação do leitor na Província de Minas.

Bernardo Xavier nasceu em Coimbra (Portugal) a 27 de novembro de 1814, filho de José Pinto de Sousa. Em

1835, veio para o Brasil acompanhando o conselheiro Joaquim Antônio de Magalhães, amigo de seu pai, que então chegava ao Rio de Janeiro na qualidade de ministro plenipotenciário de Portugal junto à corte.²⁷ Magalhães fora ministro da Justiça em seu país, de 3 de dezembro de 1832 a 24 de abril de 1833, cargo que voltaria a ocupar, em caráter interino, em fevereiro de 1842.

Esse relacionamento terá, sem dúvida, facilitado a vida de Bernardo no Brasil. Estabelecido no Rio de Janeiro, naturalizou-se em 1839 e, provavelmente sob influência do ministro Joaquim Antônio de Magalhães, foi nomeado primeiro oficial da Secretaria de Governo da Província de Minas Gerais e gerente dos Correios, passando a residir em Ouro Preto. Casou-se com Maria Rita Pinto de Toledo Ribas, filha de Manuel Alves de Toledo Ribas; tiveram quatro filhos, “naturais de Minas Gerais”: Ana Emília, Bernardo Xavier, Antônio Augusto e Matilde Leopoldina.²⁸

Exonerando-se dos cargos, passa a dedicar-se “à vida do comércio e empresas”,²⁹ voltados para a atividade de editoração e impressão. Sua estréia como divulgador de literatura se dá em 1843 e firma-se quando cria a *Typographia Imparcial*, de onde sairia *O Recreador Mineiro* durante quatro anos. Em 1851, sua livraria situada à rua São José, em frente à Casa dos Contos, chamou a atenção do naturalista e viajante alemão Hermann Burmeister:

A casa do lado direito da ponte, em frente à Contadoria, é a livraria de Bernardo Pinto de Sousa cujo estoque é, em sua maioria, integrado por trabalhos de edição própria. Comprei ali uma gramática portuguesa para uso escolar e folheei vários livros, entre os quais quero citar os seguintes, apenas para dar uma idéia dos assuntos que interessam aí: uma descrição da cidade de Jerusalém; uma coleção de novelas portuguesas em oito volumes que muito me

interessaram; um livro elementar para crianças sobre *omni scibilli* com gravuras da mitologia grega e da história natural e ainda vários outros livros escolares para cursos ginasiais.³⁰

É provável que Pinto de Sousa estivesse também envolvido nas atividades do gabinete de leitura de Ouro Preto – cujo único rastro até hoje identificado liga-se a seu nome –,³¹ ele que em 1846 se tornara o guardião da biblioteca pública da capital em sua própria residência.³² Nesse mesmo ano de 1851, Pinto de Sousa anunciava uma extensa lista de livros à venda, sugerindo ser o arremate da livraria.³³ Estaria de mudança para o Rio de Janeiro, onde continuou a atuar na imprensa. É curioso que, na biografia de Luiz Edmundo – poeta e cronista carioca da *belle époque* –, Bernardo Xavier Pinto de Sousa apareça registrado como seu avô paterno, jornalista boêmio e engraçado que teria exercido remota influência na personalidade intelectual do poeta.³⁴

Na década de 1840, fatores políticos e sociais apontam o crescimento de ramos empresariais na capital mineira, notadamente a atividade tipográfica. Jornal, revista, folheto, almanaque, folhinha de algibeira, calendário, loteria, volantes anunciando atrações do circo, teatro, festas políticas, religiosas... livro, tudo isso ainda não abrange a variedade de impressos que tomou conta da tipografia. Em todo o conjunto de impressos – que transformava a oficina tipográfica, simultaneamente, em ponto de encontro para subscrição e venda de livro e referência dos anúncios – o jornal sobressai como o grande veículo “moderno”, expressão da vida urbana e lugar onde se estampa o debate político e formador de opinião.

Nas páginas desses jornais, há também uma espécie de revelação daquele mundo contemporâneo. Por meio deles, divulgam-se bens, trocam-se, vendem-se e procuram-se objetos, escravos, remédios, artigos de moda, imóveis, serviços cuja variedade parecia crescer

com o crescimento dos impressos. Avizinha-se já a década de 1850, quando o telégrafo passará a encurtar distâncias e dar a ilusão de vencer o tempo, e o jornal irá ostentar um texto mais ágil, farto em notícias e fatos inusitados, revelando que o mundo, de fato, havia se estreitado!

Até o final do século, a experiência de cultura impressa terá continuidade intensa e variada em Ouro Preto. Mas o signo do “livro”, que a iniciou singelamente no *Canto encomiástico*, de 1806,³⁵ caminhará junto, enquanto objeto impresso, pelo século adentro, puxando a boa idéia da “revista literária”, criada pelo impressor Bernardo Xavier Pinto de Sousa, na década de 1840. Não existe sua assinatura em nenhuma matéria, mas sempre a designação – no plural – dos “Redactores” e, às vezes, “A redacção”.

Há uma suspeita, fundada nas atividades intelectuais que exerceu, de que Pinto de Sousa tenha sido não apenas o editor – conforme designa sua tipografia –, mas redator e tradutor de matérias do francês, inglês e alemão publicadas na revista. *O Recreador Mineiro* informa que essas traduções são feitas pelos redatores. Consta no catálogo da *Exposição de História do Brasil* de 1881, onde a revista esteve exposta: “Este periodico teve por fundador e principal redactor a Bernardo Xavier Pinto de Sousa”.³⁶ Augusto Sacramento Blake, autor do *Dicionário Bibliográfico Brasileiro*, também o admite redator.³⁷

Além da coleção completa d’*O Recreador Mineiro*, em quatro volumes, num total de 1.320 páginas, Bernardo Xavier Pinto de Sousa escreveu a *História da revolução de Minas em 1842*, obra de cunho analítico e documental, publicada pela primeira vez no Rio de Janeiro, em 1843. No ano seguinte, Pinto de Sousa funda sua própria tipografia em Ouro Preto – a *Typographia Imparcial* –, onde imprime a segunda edição do livro e de onde saíam vários jornais ouro-pretanos. Entre as publicações saídas dessa tipografia, encontram-

se o *Almanack dos eleitores da Província de Minas Gerais*, com quadros estatísticos e dois mapas gerais, em 1845; todas as *Falas do Governo à Assembléa Legislativa* e os respectivos *Relatórios provinciais*, nos anos de 1845, 1846, 1847, 1848 e 1849; além das *Memórias históricas da Província de Minas Gerais*, que foram posteriormente transcritas na *Revista do Arquivo Público Mineiro*.³⁸

A livraria parece ter sido o derradeiro empreendimento de Bernardo Xavier na capital de Minas Gerais.³⁹ Em 1853, está estabelecido no Rio de Janeiro, onde ocupa o cargo de oficial da administração central da Estrada de Ferro Pedro II; é major reformado da Guarda Nacional e proprietário de empresa de loterias. Mantém os vínculos com o mundo da leitura, atuando como impressor em sua própria tipografia. Em *Como e porque sou romancista*, José de Alencar se refere à livraria de Xavier Pinto, na rua dos Ciganos, onde encontrara diversos volumes de *O Guarani*,⁴⁰ e sugere certa familiaridade com o livreiro, referência que, sem dúvida, torna mais notável o nosso redator d’*O Recreador Mineiro*.

Entre os títulos publicados na tipografia do Rio de Janeiro, até agora localizados, estão: *Meio para não perder nas loterias: seguro de bilhetes, meios bilhetes...* (1853); *Seguro de bilhetes de loteria* (1853); *Algumas vergalhadas dadas em prosa no desfrutável sertanejo e guapo testa de ferro Antônio Bonifácio de Moura, mesquinho e surrado detrator da empresa Seguros de Loteria* (1854); *Balanço apresentado aos acionistas da sociedade de loterias denominada Pode ganhar e nunca perder* (1854); *Terminação da sociedade e do seguro de loterias* (1854); *Os amores*, de Ovidio, “tradução paraphrastica inderessada exclusivamente aos homens feitos e estudiosos das lettras classicas”, por Antonio F. de Castilho, seguida pela *Grinalda Ovidiana*, por João Feliciano de Castilho (1858); *Mausoleo á memoria da excelsa rainha de Portugal D. Estephania* (1859 e 1860).



Em 1867, a tipografia Cotrim e Campos, do Rio, publicava os dois volumes do livro *Memórias da viagem de suas majestades imperiaes á provincia da Bahia e Memórias da viagem de suas majestades imperiaes á provincia de Pernambuco*, escritos por Bernardo Xavier.⁴¹

Com especial interesse para a história da literatura em Minas Gerais, Bernardo Xavier editou poesia e traduções de Beatriz Francisca de Assis Brandão, poeta ouro-pretana e prima de Marília de Dirceu (então residindo no Rio): *Saudação à dona Violante Atabalipa de Ximenes de Bivar e Velasco* (1859); *Cartas de Leandro e Hero* – extraídas de uma tradução francesa (1859); *Catão: drama de Metastásio* – traduzido (1859); *Romance imitado a Gessner* (sem data).

Pelos fatos acima indicados, é possível concluir que os empreendimentos de Bernardo Xavier Pinto de Sousa como intelectual, impressor e livreiro foram fundamentais ao crescimento da imprensa mineira em Ouro Preto, embora o ambiente cultural da cidade fosse propício ao desenvolvimento e êxito de suas habilidades e criações. O círculo da convivência social de Bernardo na capital da província certamente teve políticos e intelectuais do porte de Luis Maria da Silva Pinto, autor do *Dicionário da Língua Brasileira* (1832), o juiz e poeta João Salomé Queiroga, colaborador assíduo d'*O Recreador Mineiro*, Joaquim da Silva Guimarães, a poeta Beatriz Francisca de Assis Brandão, o escritor Rodrigo José Ferreira Bretas, Domingos Soares Ferreira Pena, editor do primeiro jornal republicano de Minas – *O Apóstolo* (1850); tipógrafos e gravadores, como Padre Viegas, Manoel Barbosa, Auguste Chenot; religiosos, políticos e intelectuais, como o cônego Roussin, os padres Antônio de Sousa Braga, Antônio Ribeiro Bhering, Leandro Rabelo de Castro, Emerenciano Maximino de Azeredo Coutinho, José Antônio Marinho, professor, político e escritor; os professores José Rodrigues Duarte, Camilo Luís Maria de Brito, Manoel José Cabral, Eugênio Nogueira Celso,

Jorge Júlio Mallard, João Scholtz (russo), Robert Martel (inglês); empresários da imprensa, como João Francisco de Paula Castro; o fotógrafo francês Hypolite Lavenue; músicos e atores.⁴²

Certamente teve contato ainda com viajantes estrangeiros eruditos, entre eles Richard Burton e o próprio Hermann Burmeister,⁴³ que adquiriu livros na livraria em frente à Casa dos Contos. Provavelmente terá conhecido seu homônimo Bernardo Guimarães, jovem estudante na capital mineira, em 1845-1846; talvez na boêmia literária ou na imprensa ainda em Ouro Preto entre 1852 e 1853, ou mais tarde no Rio de Janeiro quando Bernardo Guimarães escrevia no jornal *A Actualidade*, de Lafayette Pereira Rodrigues e Flávio Farnese. O ambiente da cultura impressa em Ouro Preto terá gerado, portanto, as condições de aparecimento de nossa revista literária, ainda na primeira metade do século XIX. *O Recreador Mineiro* é, certamente, o marco dessa época, pelos méritos de revista “moderna” e empenhada nos debates então contemporâneos que determinaram a instituição da literatura brasileira.

Notas |

1. Cf. DRUMMOND, M. Francelina Silami Ibrahim *et al.* *A imprensa de Ouro Preto no século XIX*. Ouro Preto: Ufop, 1989.

2. *Abelha do Itaculamy*, 15/10 /1824.

3. Cf. DRUMMOND., *A imprensa de Ouro Preto no século XIX...*; VEIGA, José Pedro Xavier da. *A imprensa em Minas Gerais (1807-1897)*. *Revista do Arquivo Público Mineiro*, Ouro Preto, Imprensa Oficial, n. III, p. 164-203, 1898.

4. Cf. DRUMMOND, M. F. Silami Ibrahim. *O Recreador Mineiro*: rastros do leitor e da leitura na primeira revista literária de Minas Gerais. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 1995.

5. Cf. DRUMMOND. *A imprensa de Ouro Preto no século XIX...*

6. Ao político, caberia a atuação pragmática e legislativa, e ao literato, além do exercício do belo nas letras e artes, o domínio do saber científico e filosófico.

7. *O Athenêo Popular*, 04/11/1843.

8. Esse jornal publicou, em folhetim, o primeiro romance de Bernardo Guimarães, *O ermitão do Muquém*, a partir de seu primeiro número, em 18/8/1866.

9. *O Recreador Mineiro*, p. 11 (doravante ORM).

10. A tríade remonta à classificação das ciências formulada por Francis Bacon, na obra *Novo Organon*.

11. ORM, p. 7.

12. ORM, p. 7.

13. A expressão usada por Roland Barthes, em *Novos ensaios críticos*, refere-se a todo universo das matérias a que o homem empresta uma forma: roupas, veículos, utensílios, armas, instrumentos, móveis etc. Corresponderiam às matérias do almanaque e dos jornais de variedades e miscelânea, comuns no século XIX. Cf. BARTHES, Roland. *Novos ensaios críticos*. São Paulo: Cultrix, 1986. p. 27.

14. Burton afirma que o jornal “era o mais importante alimento literário de toda Minas”. Cf. BURTON, Richard. *Viagem do Rio de Janeiro a Morro Velho*. São Paulo: Edusp; Belo Horizonte: Itatiaia, 1976. p. 36.

15. Saiu no primeiro número, intitulado *Envergonhei-me de mim mesma*, sem referência a autor, parecendo folhetim traduzido do francês.

16. ORM, p. 9. O leitor atento observará que o redator possivelmente conhecia a obra de Diderot, em especial o *Elogio a Richardson*.

17. O artigo “Contextura de um periódico popular”, ORM, p. 29.

18. SODRÉ, Nelson Werneck. *História da literatura brasileira*: seus fundamentos econômicos. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1976. p. 322.

19. ORM, p. 7.

20. ORM, p. 113.

21. ORM, p. 272.

22. ORM, p. 1.

23. Conforme divulgava *O Escólio*, em 1º de janeiro de 1848.

24. ORM, p. 1160.

25. ORM, p. 1157.

26. Este texto foi apresentado, em versão modificada, no Congresso da Associação Brasileira de Literatura Comparada (Abralic), em 2006.

27. BLAKE, A. Vitorino Alves Sacramento. *Dicionário bibliográfico brasileiro*. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1900., v. 1, p. 422.

28. Cf. <http://www.geocities.com/lscamargo/gp/TolPizas_2.htm>, p. 1.

29. BLAKE. *Dicionário bibliográfico brasileiro...*, v. 1, p. 422.

30. BURMEISTER, Hermann. *Viagem ao Brasil*. São Paulo: Edusp; Belo Horizonte: Itatiaia, 1980. p. 223.

31. “Tendo-se acabado o gabinete de leitura roga-se a prompta entrega de todos os livros que por assignatura ou por empréstimo tem sido levados da livraria de Bernardo Xavier Pinto de Sousa.” (*O Conciliador*, 6/1/1851)

32. “Tomando conta da administração da Província, achei estes livros, entre os quais se vêm muitas obras interessantes, atirados na capela do Palácio do Governo e servindo de pasto às traças e estragando-se completamente. Não querendo que eles se perdessem de todo mandei-os transferir para a casa do cidadão Bernardo Xavier Pinto de Sousa, que se obrigou gratuitamente a tê-los em boa guarda, conservá-los e mesmo franquear sua leitura, com as devidas cautelas, a quem os precisasse.” (*Relatório da Província*, 1846)

33. *O Conciliador*, 25/9/1851. Entre outros clássicos franceses, portugueses e espanhóis, *O Avarento*, *O doente Imaginário*, *O Casamento do Figaro*, *Alzira*, *Tancredo*, *Fedra*, *Leonor de Mendonça*, *Guerras de Alecrim e Mangerona*, *Radamisto*, *Andrômaca*, *Tartufo*, *Nova Castro*.

34. Cf. <http://www.maxwell.lambda.ele.puc-rio.br/cgi-bin/PRG_0599.EXE/9345_3>.

35. O opúsculo *Canto encomiástico*, poema decassílabo de Diogo de Vasconcelos, em homenagem ao governador da capitania de Minas, D. Pedro de Ataíde e Melo, foi impresso pelo padre Joaquim Viegas de Menezes em Vila Rica no ano de 1806, antes da liberação oficial dos prelos, com recursos técnicos construídos na vila. Apesar da pequena tiragem e circulação limitada, foi uma iniciativa de imprensa bem-sucedida no Brasil, nosso primeiro livro impresso.

36. CATÁLOGO da exposição de história do Brasil (1881). Ed. fac-similar. Brasília: Editora da UnB, 1981. p. 442. (Temas Brasileiros, 10).

37. BLAKE. *Dicionário bibliográfico brasileiro...*, v. 7, p. 422.

38. MEMÓRIAS HISTÓRICAS DA PROVÍNCIA DE MINAS GERAIS. *Revista do Arquivo Público Mineiro*, v. 8, 1908, p. 523-639. Trechos dessas memórias, redigidas provavelmente depois do movimento de 1842, aparecem reproduzidas no primeiro número d'*O Recreador Mineiro*.

39. Em 15/5/1853, o jornal *O Bom Senso* divulgava anúncio de venda de livros em casa (livraria) de Xavier.

40. ALENCAR, José. *Como e porque sou romancista*. Campinas: Pontes, 2005. p. 62.

41. Provavelmente a sua tipografia não mais existisse à época.

42. Em 1844-1845, o calendário de apresentações cênicas e musicais do teatro de Ouro Preto não estava mais vinculado com exclusividade às comemorações oficiais, como ocorrera nas décadas anteriores.

43. Naturalista alemão (1807-1892), Burmeister publicou três obras sobre sua viagem ao Brasil. Estabeleceu-se na Argentina e foi por 30 anos diretor do museu da cidade de Buenos Aires, onde faleceu.

Maria Francelina Silami Ibrahim Drummond é mestre em Teoria da Literatura pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) e doutora em Literatura Comparada pela mesma instituição, com pós-doutorado na Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUC-RS). É professora visitante da Faculdade Arquidiocesana de Mariana e autora do livro *Leitor e leitura na ficção colonial* (Livraria e Editora Real, Ouro Preto, 2006).